



Arquivo

Propósito de Delfim é "queimar" os dólares excedentes

O excesso de liquidez freia combate à inflação

Da sucursal de
BRASÍLIA

O excesso de liquidez no mercado interno decorrente da conversão do dólar em cruzeiros obtido pelo superávit na balança comercial transformou-se em ameaça perigosa ao combate à inflação, porque é inflacionário na medida em que o FMI não permite por seu intermédio o reaquecimento da economia. É por isso que o ministro do Planejamento, Delfim Netto, está querendo "queimar" dólares excedentes aumentando as importações, para evitar a pressão inflacionária.

Essa constatação é do professor de Economia Lauro Campos, da Universidade de Brasília, que acredita estar a economia brasileira atualmente sem saída a vista, porque, ao mesmo tempo que o governo, pressionado pelo FMI, tenta afastar-se do mercado para reduzir o déficit público, aumenta, por outro lado, os preços, decorrente da retirada dos subsídios.

Lauro Campos ressalta ainda que os salários mais arrochados reduzem o poder de compra e inviabilizam a recuperação da atividade econômica. Enquanto existiam os subsídios, disse, de alguma forma o governo patrocinava maior poder de compra dos salários, na medida em que proporcionava custos mais baratos ao produtor. Agora, porém, a retirada dos subsídios produz mais arrocho salarial, pois os salários terão de suportar maiores aumentos dos preços.

A redução do poder de compra, acelerada pela inflação, poderá frustrar a intenção do ministro Delfim

Netto, previu Lauro Campos, sabendo-se que dificilmente o setor produtivo se interessará em aumentar suas compras externas estando diante do fato concreto da redução do consumo interno. A prova, justificou, é a queda de 11,2% nas vendas do comércio no primeiro trimestre do ano em relação ao mesmo período do ano passado.

A pressão inflacionária decorrente do superávit comercial, portanto, tende a permanecer e mesmo aumentar a cada aumento das vendas externas e, como não existe perspectiva de mudança na política econômica, o caminho a seguir, se a sociedade civil não reagir, disse, "será o aumento do arrocho salarial, agora não mais patrocinado pelo governo, mas pela própria inflação".

Lauro Campos também não acredita que os juros cairão. Os banqueiros, afirmou, diante da queda de consumo provocada pelo arrocho salarial dispõem, para continuar mantendo a mesma taxa de lucro, somente da alternativa de aumentar a taxa de juros. Contribui ainda para mantê-la em ascensão o financiamento da dívida pública. Lauro Campos lembrou o ministro da Fazenda Rui Barbosa, no governo Campos Salles, que obrigava os bancos a comprar papéis do governo e os autorizava a emitir dinheiro nesse montante, que representava seu lastro. Só que, hoje, esse lastro é o depósito compulsório estimado em 40% dos depósitos. Como o governo disputa também com o setor privado os restantes 60% dos depósitos, a competição pelo dinheiro contribui para manter alta a taxa de juros.